

Boletim

A revista do Sistema

INFORMATIVO



SISTEMA FAEP



Ano XXVI | nº 1181

2 a 8 de julho de 2012

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

A Gestão de 392 mil hectares

(A Escarpa Devoniana)

Os seringais do noroeste paranaense

2 A Escarpa Devoniana

A formação do Conselho Gestor

7 Quatro décadas

O Iapar completa 40 anos

**8 Borracha**

As seringueiras do noroeste

13 Logística

Porto de Paranaguá/BNDES/PAP

14 Mais renda

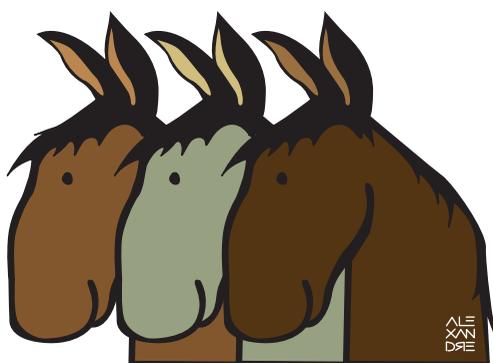
Os camarões de Palotina

16 Opinião

Do presidente da Fetaep

17 Crise

Da suinocultura

**18 Via Rápida**Xixi, pés, desodorante, golaço
Orquestra, Asnos, Bandeira e etc**20 Cursos**Erva-mate, Mulher Atual, Posse,
JAA, PDS, tratorista, Conservas e
Agrotóxicos**23 Notas**

Arquivo

Como um bisturi, uma formação geológica com mais de 400 milhões de anos corta o território paranaense, na rota sul-norte pioneiro, constituindo a chamada “Escarpa Devoniana”. Os viajantes que cruzam as estradas nessas direções podem perceber os imensos paredões e os profundos vales ou canyons - como o de Quartelá, nos Campos Gerais, que compõe essa paisagem.

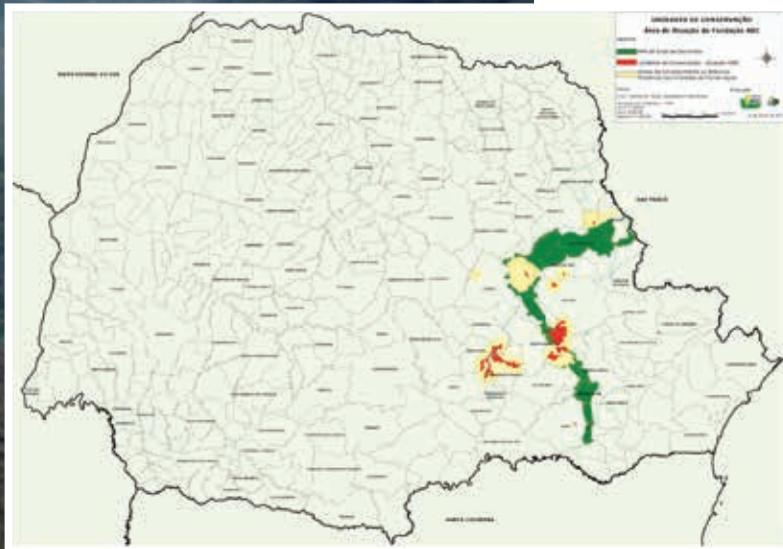
No início do século passado, as escarpas receberam como vizi-nhos os colonizadores europeus que vieram desbravar o Paraná e lá estão, aos milhares, plantando e colhendo. A Escarpa ocupa um área total de 392.363,38 hectares distribuídos por 12 municípios, havendo casos, com o de Balsa Nova, na Região Metropolitana de Curitiba, em que a área ocupada abrange cerca de 71,30% do município ou de Jaguariaíva com 53,54% de sua área.

Em março de 1992 o governo do Estado criou a Área de Proteção Ambiental (APA) da Escarpa Devoniana, com o objetivo de “assegurar a proteção do limite natural entre o Primeiro e o Segundo Planaltos Paranaenses, inclusive faixa de Campos Gerais, que se constituem em ecossistema peculiar que alterna capões da floresta de araucária, matas de galerias e afloramentos rochosos, além de locais de beleza cênica como os “canyons” e de vestígios arqueológicos e pré-históricos”.

Apenas em 2004 foi concluído o Plano de Manejo da nova

depois

Surge o Conselho Gestor da Escarpa Devoniana



APA estadual e, baseado nele, ocorreram 13 reuniões nos municípios envolvidos, quando se apontou representantes para o Conselho Gestor.

Evidentemente os temas ambientais e ligados à produção provocaram dúvidas, principalmente entre os milhares de agricultores que atuam nos municípios envolvidos pela APA da Escarpa Devoniana. Afinal o próximo passo é a criação do Conselho Gestor e isso começou a acontecer.

Reunião na FAEP define Conselho Gestor

A FAEP sediou no último dia 26 de junho a 14ª reunião com os representantes da (FAEP, Sindicatos Rurais, Ocepar, Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná/Fetaep, Instituto Ambiental do Paraná/IAP, Secretaria de Estado da Agricultura/Seab e Fundação ABC). O encontro serviu para definir o grupo de instituições

que irá compor o Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental (APA) da Escarpa Devoniana. No total foram indicadas 24 entidades representando o poder público e 27 a sociedade civil organizada (veja quadro).

“Mais uma vez a FAEP toma a frente na defesa do produtor rural, que precisa ter seu espaço preservado, por ser a população dominante na área delimitada Escarpa Devoniana e ter a atividade econômica que é a garantia da sobrevivência dos 12 municípios envolvidos”, disse João Luiz Rodrigues Biscaia, diretor financeiro da FAEP.

Na reunião também foi definido que os sindicatos rurais dos 12 municípios que compõem a APA (Lapa, Balsa Nova, Porto Amazonas, Palmeira, Campo Largo, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Tibagi, Piraí do Sul, Jaguariaíva e Sengés) irão enviar, até o dia 30 de julho de 2012, à FAEP suas indicações de representantes para os diversos setores produtivos do agronegócio listados

“

Mais uma vez a FAEP toma a frente na defesa do produtor rural, que precisa ter seu espaço preservado, por ser a população dominante na área delimitada Escarpa Devoniana e ter a atividade econômica que é a garantia da sobrevivência dos 12 municípios envolvidos.

João Luiz Rodrigues Biscaia,
diretor financeiro da FAEP.

”

no Conselho Gestor. As cooperativas destas regiões também vão escolher seus representantes e enviar para Ocepar.

“A reunião superou as expectativas e ficou muito clara a vontade de fazer das instituições envolvidas. Sabemos que são grupos diferentes que vão defender seus interesses diversos dentro do conselho. O importante é que foi respeitada a diversidade”, comentou a engenheira-agrônoma e representante do IAP, Margit Hauer.

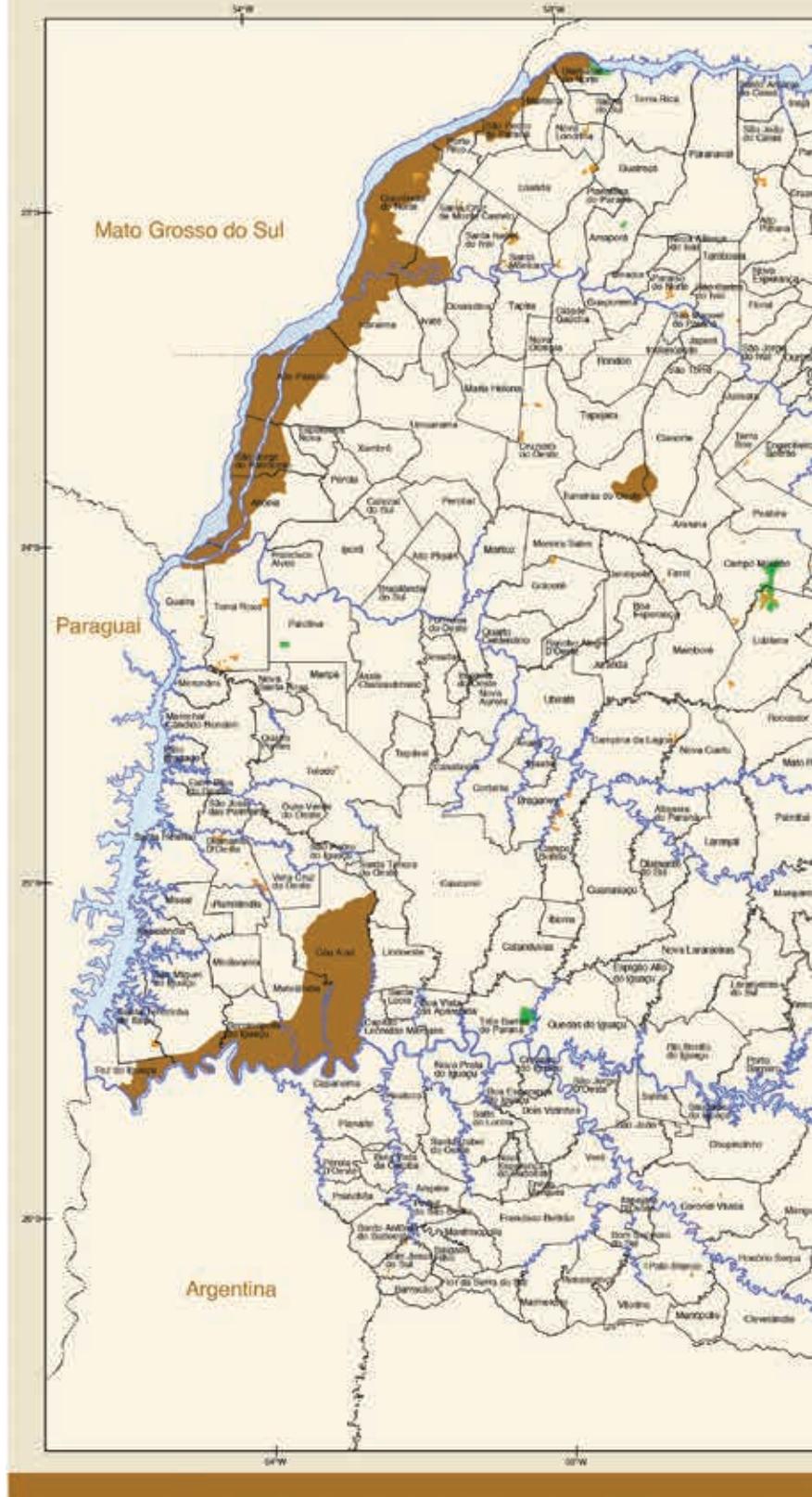
Margit informou que, a exemplo de outros conselhos gestores das APAs como o da Serra da Boa Esperança e Guaratuba no território paranaense, o Regimento Interno prevê a exclusão natural das entidades que estão listadas, mas que não participam ou não comparecem às reuniões.

“É importante que o conselho gestor seja composto com base no artigo 15, inciso 5º da lei 9985/2000, que tenha representantes do governo, da sociedade civil e da população que reside na região. No caso os produtores rurais são a população da área que compõe esta APA”, comenta Gustavo Ribas, produtor rural e presidente do Sindicato Rural de Ponta Grossa. Esta lei foi aprovada e compõe o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

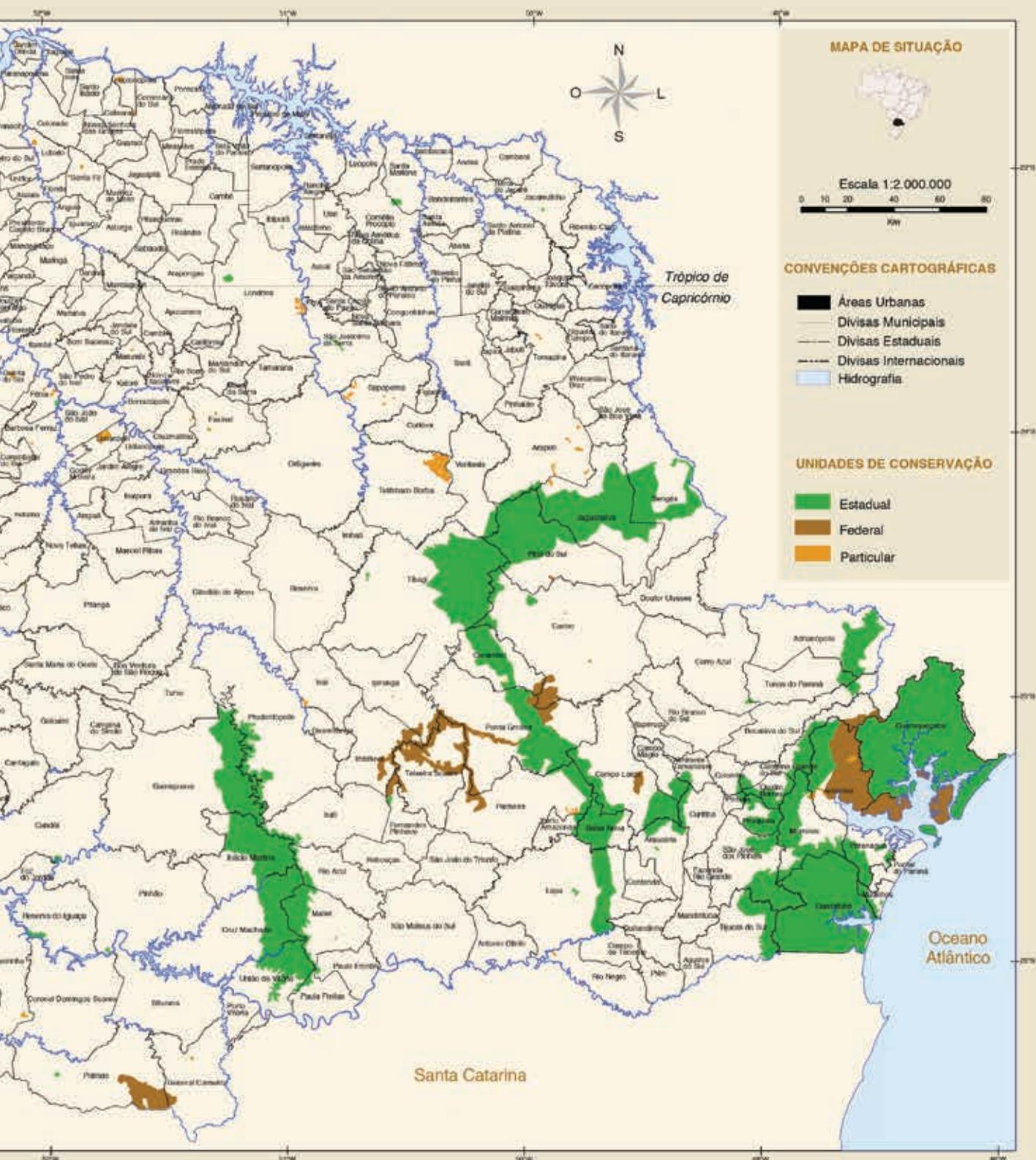
O engenheiro-agrônomo que representou a Seab, José Tarcício Fialho tranquilizou os produtores rurais em relação a produção agrícola na região. “Ao contrário de um Parque, numa APA a produção agropecuária é perfeitamente viável, desde que respeitado o manejo do solo, da água, das culturas e das plantas”.

As Unidades de Conservação no Paraná
Espalhados pelos 199.554 km² do território paranaense existem 76 Unidades de Conservação, oito delas federais e a maior delas é a Escarpa Devoniana (mais de 392 mil ha). Outras três unidades (uma federal e duas estaduais) foram criadas recentemente. A área dessas UCs totalizam 2.841.713 hectares, segundo dados do Instituto Ambiental do Paraná (IAP). Esses grandes espaços ambientais convivem harmonicamente com 371 mil propriedades rurais no Estado, onde vivem 14,7% dos paranaenses responsáveis por 18% da produção nacional de grãos e 73% das exportações paranaenses. Ou 14% do Valor Bruto da Produção.

UNIDADES DE



CONSERVAÇÃO - ESTADO DO PARANÁ





Fernando Santos

14º reunião que definiu o Conselho Gestor da APA Escarpa Devoniana

Quem fará parte do Conselho Gestor da APA Escarpa Devoniana

Poder Público	Sociedade Civil
Sema/IAP	Setor Agricultura Familiar – Fetraf
Balsa Nova	Setor Trabalhadores Rurais e Agricultura Familiar – Fetaep
Campo Largo	Setor Agropecuário – FAEP
Carambeí	Setor Cooperativista – Ocepar
Castro	Setor Mineração
Jaguariaíva	Setor Turismo Rural
Lapa	CREA Escritório Regional
Palmeira	CRMV Escritório Regional
Pirai do Sul	Setor Silvicultura - APRE
Ponta Grossa	Setor Agricultura Orgânica
Porto Amazonas	OAB- REGIONAL
Sengés	Setor Psicultura/Setor Apicultura
Tibagi	Setor Pesquisa Privada -Fundação ABC
Iapar	Setor de Energia Alternativa
Mineração/Mineropar-DNPM	Sociedade Rural
Pesquisa/Embrapa Floresta	Setor Leiteiro
Orgão Ambiental Federal/ICMBio/Ibama	Setor Suinocultura
INCRA	Setor Avicultura
Setor Instituições de Ensino Superior	Setor Pecuária de Corte
Batalhão Polícia Ambiental	Setor Indústria de Carnes
Emater	Setor Indústria de Leite
Instituto das Águas	Setor Hortifruticultura
SEAB	Setor Indústria Madeireira
Secretaria de Estado da Cultura	Setor Indústria de Papel e Celulose
	Setor Assentamentos Reforma Agrária
	Setor de Grãos
	Associação Paranaense de Produtores de Sementes e Mudanças-APASEM

POR QUE DEVONIANO

O Período Devoniano compreende os anos entre 416 milhões e 354 milhões de anos e é neste período que ocorreram as principais transformações na flora, com o crescimento exponencial de pequenas plantas terrestres, através do desenvolvimento dos esporos. Com este processo, as plantas conseguiram se fertilizar com as sementes e atingir a altura de árvores. Elas formaram os primeiros bosques de que se tem registro, com o surgimento das samambaias, por exemplo.

Na fauna, foi a era da ‘idade dos peixes’, os primeiros tubarões, com pulmões bastante desenvolvidos e os anfíbios vivendo em ambiente terrestre.

O planeta passou por uma imensa reconstrução geológica, que resultou em um intenso momento vulcânico e a terra fica reduzida a três grandes continentes: Euramérica, Sibéria e Gondwana (o maior, que abrangia as regiões da Antártica, parte da África, América do Sul e Oceania).

O termo Devoniano foi definido em 1939 pelos especialistas Adam Sedgwick e Roderick Murchison, que queriam dar procedimento aos estudos sobre sequência sedimentar marinha.

Fonte: www.infoescola.com

Os 40 anos do IAPAR

Em quatro décadas desenvolveu mais de 150 cultivares

Quarenta anos atrás, no dia 29 de junho, nasce o Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e que se transformaria numa das mais respeitadas instituições de pesquisas agrônômicas do país. Sediado em Londrina, nessas quatro décadas vem levando conhecimento e as melhores práticas agrícolas a todos os cantos do Estado. O diretor-presidente do Iapar, Florindo Dalberto, tem o crachá número 2 (o número 1 foi do primeiro presidente do Iapar, Raul Juliatto) e lembra que a criação da instituição, em 1972, resultou da mobilização e esforço de técnicos, produtores e lideranças políticas e empresariais ligadas à agricultura, como a Sociedade Rural do Paraná, Folha Rural, Associação dos Engenheiros Agrônomos e nomes como Celso Garcia Cid, João Milanez, Horácio Coimbra, Francisco Sciarra, entre outros. “O setor produtivo e a própria sociedade perceberam que o ciclo da monocultura cafeeira chegava ao fim e era urgente construir uma agricultura mais moderna e diversificada”, explica. O projeto foi viabilizado pela Organização Internacional do Café (OIC) e do extinto Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Fotos: Divulgação



Florindo Dalberto,
o crachá número 2

Inovação

Ao longo dos anos mais de 150 cultivares foram desenvolvidas pelo Iapar, além do investimento em biotecnologia. Na área do café, por exemplo, o instituto trabalhou no sequenciamento do genoma da planta, em parceria com entidades nacionais e internacionais, e atualmente busca o desenvolvimento de cultivares com características de bebida que o mercado consumidor exige.

Vale lembrar ainda que o Iapar é pioneiro em variedades de maçã para regiões menos frias, como o Norte do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e até Bahia, e ainda uma cultivar de feijão resistente ao mosaico dourado, uma das doenças que mais afetam a cultura. O pioneirismo se estendeu ainda

aos citros, por meio de estudos que viabilizaram a convivência com o cancro cítrico e possibilitaram a inserção do Paraná no mapa da produção nacional dessas frutas.

O Iapar foi um dos precursores nas pesquisas com plantio direto, inclusive lançou um livro recentemente com o apoio da FAO (entidade das Nações Unidas para agricultura e alimentação), e também nas pesquisas para uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente através do manejo integrado de pragas (uma das bases para a agricultura orgânica). Para o presidente da FAEP, Ágide Meneguette “as unidades do Iapar, seus mestres, doutores e funcionários souberam nesse tempo acompanhar as profundas transformações no campo, e certamente repetirão esse comportamento no futuro”..

Pós-graduação

O Iapar aproveita o aniversário de 40 anos para anunciar o projeto de instalação de seu curso de pós-graduação, seguindo os passos de outros centros de pesquisa agrícola, como o Instituto Agrônomo do Campinas (IAC).

Um pelotão para virar exército

Por Ângelo Binder – Fotos: Ivan Amorim

Mas é preciso ter paciência e habilidade. Os exemplos de um pequeno e um grande produtor de seringueiras

A erradicação do café no Paraná, no fim da década de 1970 e início dos anos 80, obrigou o produtor rural Ângelo Romero a mudar radicalmente de vida. Saíram de cena as enxadas, as terras, botas e plantações, dando lugar a tesouras, alfinetes e tecidos. Romero, então beirando os 50 anos, tinha de encontrar uma forma de garantir o sustento dele, da esposa Maria Estela e dos dois filhos do casal. Para isso, montou um ateliê dentro da sua chácara de quase cinco hectares, localizada na zona rural do município de Indianópolis. Mesmo trabalhando em seu ateliê, ele mantinha a ideia fixa de um dia fazer suas terras produzirem como nos tempos áureos do café.

E foi na cidade de Nova Esperança, a 70 km de Indianópolis, Noroeste do Estado, que ele percebeu que o sonho era possível, mas exigiria dele pelo menos sete anos de espera. “Fiquei sabendo que o solo da minha chácara era ideal para a seringueira. Peguei 2.500 mudas e plantei com 8 x 2,5 m² (espaço padrão para o cultivo

“

Ninguém sabia direito. Tudo que a gente sabia era sobre a seringueira da região amazônica. Infelizmente, muito tempo se perdeu.

”





de seringueira), deixando uma área livre de 20 m². Depois comecei a esperar,” explica.

Mesmo com o solo apropriado para a “seringa” – o chamado Arenito Caiuá, típico da região – o alfaiate, que agora voltava aos poucos para a agricultura,

só começou a colher frutos 10 anos depois do plantio. O problema para ele foi a falta de informação.

Renda garantida

Mesmo sem tanto conhecimento técnico, Romero adquiriu na prática o jeito de tonar o negócio rentável. Com a ajuda da esposa, ele extrai hoje o suficiente para confirmar uma renda mensal de R\$ 3.500,00. A cada cinco semanas, um caminhão da empresa paulista Borrachas Quirino busca material extraído pelo seringueiro. Hoje a produção de borracha garante o sustento dele e Maria Estela, pois os filhos já não vivem com eles, e, de quebra, traz o sossego almejado durante anos pelo agricultor, que admite já não ter mais o mesmo pique da juventude, aos 72 anos. “Eu estou cansado e o trabalho na seringueira é tranquilo. Começo a sangria às 6 da manhã e termino às 2 da tarde, porque nesse horário não está tão quente. Depois fico com a tarde livre para descansar e cuidar de outras plantações”, garante, lembrando que o consórcio da laranja e banana com a seringueira confirma boa produção para consumo doméstico.



Fazenda Guanabara é o maior seringal do Paraná: 374 hectares

Em Paranapoema, da bola à borracha

O trabalho e as dicas do maior seringal paranaense

“

Você consegue ter mais rentabilidade do que o petróleo, digamos, como um produto natural.

Leandro José da Costa,
agricultor.

”

Tranquilidade e rentabilidade fez Leandro José da Costa, de 28 anos, pendurar literalmente as chuteiras mais cedo para dedicar-se ao trabalho na Fazenda Guanabara, o maior seringal do Estado, localizado em Paranapoema, também no Noroeste paranaense. Hoje ele é coordenador de produção e comanda 49 funcionários que têm metas a cumprir, uma renda mensal na base de R\$1.800,00 participação nos lucros e residência gratuita dentro da própria fazenda. Com esses benefícios e o mesmo horário de trabalho de Romero, de Indianópolis, Costa não se arrepende da troca que fez dos gramados para o seringal.

“Joguei no PSTC de Londrina com o Dagoberito (atacante do Internacional) e com o Jádson (meio-campo do São Paulo), mas não sinto falta. Aqui na fazenda também temos o nosso clássico River e Boca”, afirma já de canto de olho para o campo montado na entrada da fazenda. Da peleja participa até proprietário da Guanabara, Caio Baccarat.



Costa trocou o futebol profissional pela agricultura

O agricultor assumiu a condução da fazenda há sete meses, mas já comemora a rentabilidade dos 374 hectares. “Você consegue ter mais rentabilidade do que o petróleo, digamos, como um produto natural”. Segundo ele, o quilo da borracha chegou a ser comercializado a R\$ 3,75.

Longo prazo

No entanto, Baccarat faz alguns alertas para aqueles produtores que desejam investir em seringueais. “A seringueira depois de sete anos te dá muito dinheiro, mas é necessária a preparação do solo, a escolha das sementes, das mudas corretas. Sem isso pode atrasar o início de sangria, além da mão de obra qualificada. Não é qualquer um que pode sagrar uma árvore. A pessoa precisa saber a velocidade e profundidade de sangria, por exemplo”, argumenta.

A seringueira é uma cultura de longo prazo que exige investimento inicial de R\$ 4 a R\$ 7 mil por hectare. A heveicultura, como é chamada, é perene, mas realmente lucrativa. O plantio médio de 1210 árvores por alqueire rende ao produtor cerca de mil quilos de borracha do tipo Cernambi Virgem Prensado (CVP). Para a produção de látex, o clone ideal é o RRIM 600, importado da Malásia, o mesmo usado também no Estado de São Paulo.

Hoje, a produção da Guanabara rende em torno de R\$ 1.800,00 por hectare. Estima-se que hoje apenas 30% da borracha utilizada no país são produzidas no Brasil. Ou seja: os outros 70% precisam ser importados.

De olho nesse nicho de mercado, Baccarat planeja dobrar a produção nos próximos cinco anos, além de investir em outras culturas, outra faceta dos seringueais. “O produtor precisa abrir a cabeça e montar lavoura, pecuária e floresta, pois a seringueira permite tudo isso junto”, lembra.

“Mal das folhas” é desmistificado

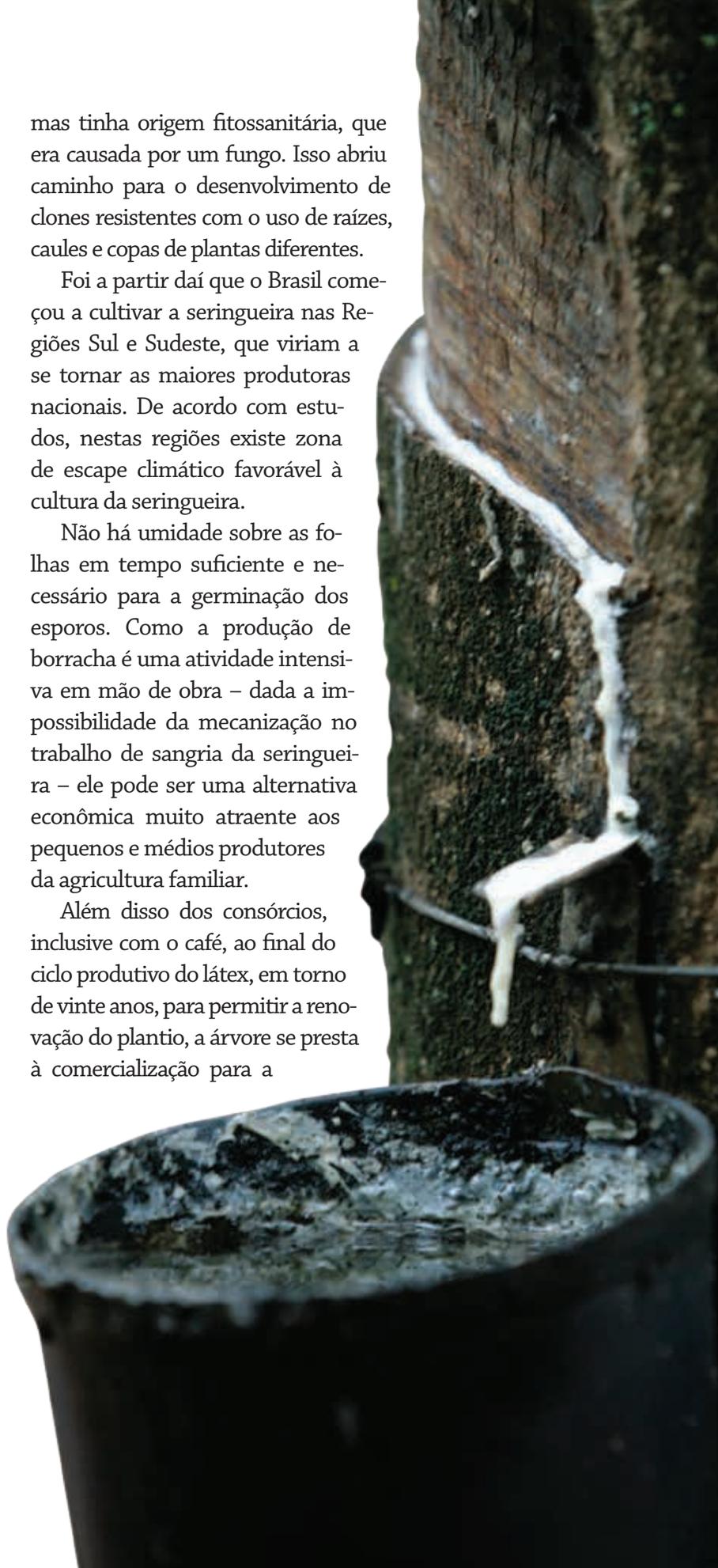
Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) estudos trouxeram como resultado a constatação científica de que o chamado “mal das folhas”, que representava uma ameaça fatal para o cultivo da seringueira, não resultava de problemas de solo,

mas tinha origem fitossanitária, que era causada por um fungo. Isso abriu caminho para o desenvolvimento de clones resistentes com o uso de raízes, caules e copas de plantas diferentes.

Foi a partir daí que o Brasil começou a cultivar a seringueira nas Regiões Sul e Sudeste, que viriam a se tornar as maiores produtoras nacionais. De acordo com estudos, nestas regiões existe zona de escape climático favorável à cultura da seringueira.

Não há umidade sobre as folhas em tempo suficiente e necessário para a germinação dos esporos. Como a produção de borracha é uma atividade intensiva em mão de obra – dada a impossibilidade da mecanização no trabalho de sangria da seringueira – ele pode ser uma alternativa econômica muito atraente aos pequenos e médios produtores da agricultura familiar.

Além disso dos consórcios, inclusive com o café, ao final do ciclo produtivo do látex, em torno de vinte anos, para permitir a renovação do plantio, a árvore se presta à comercialização para a



indústria madeireira, dado o seu alto valor comercial e plena aceitação no mercado.

Uma nova tecnologia, baseada na enxertia de copa com híbridos Hevea, se revelou eficiente no controle da doença, permitindo o cultivo da seringueira mesmo em áreas endêmicas, ou seja, onde costuma ocorrer naturalmente o fungo causador da enfermidade. O estudo foi conduzido por meio de uma parceria entre pesquisadores da Embrapa Soja de Londrina, no Paraná,

e a Embrapa Amazônia Ocidental, com sede em Manaus. Os pesquisadores avaliaram o desempenho de quase duas dezenas de clones de painel enxertados com copas resistentes ao mal das folhas. Os clones aprovados pelos estudiosos apresentaram maior potencial ao longo de três anos, com rendimento médio de borracha seca superior a 1.800 quilos por hectare. A pesquisa foi realizada por meio de um ensaio instalado em 2002, em área experimental em Manaus.

O EXÉRCITO DA BORRACHA

Durante a Segunda Guerra Mundial, um exército de retirantes foi mobilizado com pulso firme, propaganda forte e promessas delirantes para deslocar-se rumo à Amazônia e cumprir uma agenda do Estado Novo. Ao fim do conflito, em 1945, os migrantes que sobreviveram às durezas da selva foram esquecidos no Eldorado. Passadas décadas, os soldados da borracha hoje lutam para receber pensão equivalente à dos ex-pracinhas.

De olho em empréstimos para implantar seu parque siderúrgico e comprar material bélico, o governo brasileiro firmou com o americano, em 1942, os chamados Acordos de Washington. Sua parte no trato era permitir a instalação de uma base americana em Natal e garantir o fornecimento de produtos como alumínio, cobre, café e borracha (os seringais da Malásia, controlados pelos ingleses, estavam bloqueados pelo Japão).

O então presidente Getúlio Vargas só tinha um motivo para perder o sono: com o fim do primeiro ciclo da borracha, na década de 10, os seringais estavam abandonados e não havia neles mais que 35 mil trabalhadores. Para fazer a produção anual de látex saltar de 18 mil para 45 mil toneladas, como previa o acordo, eram necessários 100 mil homens.

Em vez de um problema, Getúlio resolveu três: a produção de borracha, o povoamento da Amazônia e a crise do campesinato provocada por uma seca devastadora no Nordeste.



Arquivo

Jovens em idade militar, que tinham de escolher entre ir para o front, na Itália, ou 'cortar seringa' na Amazônia, havia propaganda pesada. Cartazes que eram espalhados por todos os cantos, alardeando a possibilidade de uma vida nova na Amazônia, 'a terra da fartura'. Padres, médicos e outros líderes comunitários ajudavam a fazer correr, boca a boca, as notícias sobre um lugar onde se 'juntava dinheiro a rodo'.

O soldado da borracha já chegava endividado ao seringal. O seringalista anotava cada centavo que gastava com o trabalhador: comida, roupa, arma, material de trabalho e remédio. O preço das mercadorias no barracão do patrão era pelo menos o dobro do praticado nas cidades.

Para completar, mudas das seringueiras amazônicas foram contrabandeadas para a Malásia. Hoje as malasianias são cultivadas no Norte do Paraná.



Arquivo

Para o porto respirar

Um plano de desenvolvimento para o terminal de Paranaguá

A atual **Administração** do Porto de Paranaguá tomou uma medida que deveria ter sido tomada em governos anteriores, quando ficou evidente que o “pulmão do Paraná”, como alguns chegaram a chamá-lo, precisava de mais oxigênio. A contratação da Universidade de Santa Catarina e seu Laboratório de Transportes e Logística (Labtrans), staff de primeiro time nos estudos e projetos da logística brasileira, fez um plano de desenvolvimento para o porto paranaense.

Com a sigla PDZPO, o Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto Organizado foi concluído e está sendo avaliado, desde o último dia 25, pelos usuários e administradores do porto, e pela própria Prefeitura de Paranaguá, diante das implicações urbanas causadas pelo sistema porto/cidade.

“Se obtivermos o endosso da comunidade portuária e demais instituições envolvidas ao plano, isso facilitará a obtenção de recursos para a ampliação e modernização do nosso porto”, diz Luiz Henrique Tessutino Dividino, superintendente do terminal.

Vital ao agronegócio e ao comércio brasileiro, o Porto de Paranaguá tem sido alvo da mídia devido às grandes filas de navios, sem que se atente para o fato que todos os portos brasileiros vivem esse dilema, acentuado no período das chuvas.

Estiagem BNDES responde à FAEP

No dia 16 de maio, o presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou ofício ao presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, informando os prejuízos de 3,29 bilhões com a estiagem que atingiu o Paraná durante a safra verão. Meneguette solicitou a edição de normas para as prorrogações das parcelas de 2012 das operações do Programa de Sustentação de Investimentos (PSI), determinadas através da Resolução nº 4070. “Apesar de a resolução autorizar as prorrogações, as instituições financeiras ainda não estão operacionalizando-as devido à falta de carta circular que oriente este procedimento. E as operações de investimentos contratadas pelos produtores já começaram a vencer”, observa no documento.

Em ofício encaminhado ao Sistema FAEP, em 19 de junho, a chefe da Secretaria Executiva do Gabinete da Presidência do BNDES, Fatima Regina França Farah, afirma que a instituição está providenciando a adequação dos sistemas operacionais para viabilizar a emissão da “Circular aos Agentes Financeiros com as orientações atinentes à operacionalização da Resolução nº 4070”.

O PAP 2012/13

Foi lançado no último dia 28, em Brasília, pela presidente Dilma Roussef e pelo ministro Mendes Ribeiro, da Agricultura, o Plano Agrícola e Pecuário, que vai destinar R\$ 115,2 bilhões para a agricultura empresarial na safra 2012/13. Desses recursos, R\$ 86,9 bilhões são para financiar o custeio e a comercialização e R\$ 28,2 bilhões para os programas de investimentos. Além do aumento de 7,5% em relação ao crédito da safra anterior, o novo plano reduz de 6,75% para 5,5% a taxa anual de juros. As novas taxas, segundo o governo, representam uma diminuição de 18,5% nos custos dos financiamentos para o produtor rural. (A análise do PAP 2012/13 na próxima edição do BI).

Palotina produz camarão sim senhor!

E dos grandes, graças a produtores e a UFPR

Os moradores de Palotina conseguem comprar camarão do tipo 'gigante da Malásia' a R\$ 25,00 o quilo, enquanto em Curitiba o mesmo produto custa três vezes mais. Isso graças a um projeto desenvolvido há dois anos numa parceria entre o Laboratório de Carcinicultura da Universidade Federal do Paraná (UFPR), campus Palotina e produtores rurais com apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Edital de ProExt do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

O projeto consiste no sistema policultivo de tilápias e camarões, onde o aproveitamento da ração é completo. A tilápia se alimenta apenas na superfície da água, enquanto o camarão é uma espécie detritívora, que se alimenta de restos orgânicos e das sobras de ração que vão para o fundo do viveiro.

“Os produtores que participam do projeto registraram também aumento de produtividade da tilápia. Houve um ganho de 15 a 20% no peso de cada peixe em comparação com outros produtores que criam a tilápia sozinha. Isso ocorre devido a melhora

arãõ,

Da esquerda para direita:
Professor Ballester,
Edmilson produtor rural,
o motorista Ivo Mascarelo
e o produtor rural Paulo
de Nova Santa Rosa



Arquivo pessoal

na qualidade da água e do solo do viveiro”, explica o professor Eduardo Ballester, que coordena o projeto.

O projeto é desenvolvido em conjunto com o biólogo Ademir Heldt e uma equipe de 12 alunos. É importante salientar que o policultivo é uma forma mais sustentável de produção, pois em uma mesma área onde se aumenta a produtividade, se reduz a carga de efluentes e matéria orgânica que é emitida para o meio ambiente. Em Palotina existem cerca de 700 hectares de lâmina de água, o que representa um grande potencial para o desenvolvimento da atividade.

Bons resultados

O custo de implantação e despesa é R\$3.500,00 para um viveiro com seis

mil m² e o retorno financeiro é de 270% (R\$9.250,00). “A venda está sendo feita direta ao consumidor, mas já fomos sondados por frigoríficos da região que demonstraram interesse em comercializar também a produção do camarão, desde que o volume aumente”, informa Ballester.

De acordo com o professor, cinco produtores participam do projeto (três de Palotina, um Maripá e outro de Nova Santa Rosa) e já superaram a meta inicial – produzir 500 quilos de camarão por hectare. “Eles produziram 450 quilos em 0,6 hectare de lâmina d’água. Além do aumento de produtividade com a tilápia”.

O produtor rural Edmilson Zabott, que está no projeto desde o início comemora os resultados e convida outros produtores a também participarem. “Só temos a ganhar com este programa, pois a utilização da ração é 100%. A produção integrada de camarão é mais uma alternativa para melhorar a renda do agricultor da região”, diz.

A universidade disponibiliza para produtores rurais, técnicos e alunos um curso de 16 horas de aulas práticas e teóricas sobre o cultivo integrado. O próximo curso será realizado em setembro. As pós-larvas utilizadas pelos produtores são compradas de um laboratório do Rio de Janeiro, mas a universidade já trabalha na ampliação do laboratório para iniciar a produção em Palotina. O prazo de criação da tilápia e do camarão é de 7 a 8 meses.

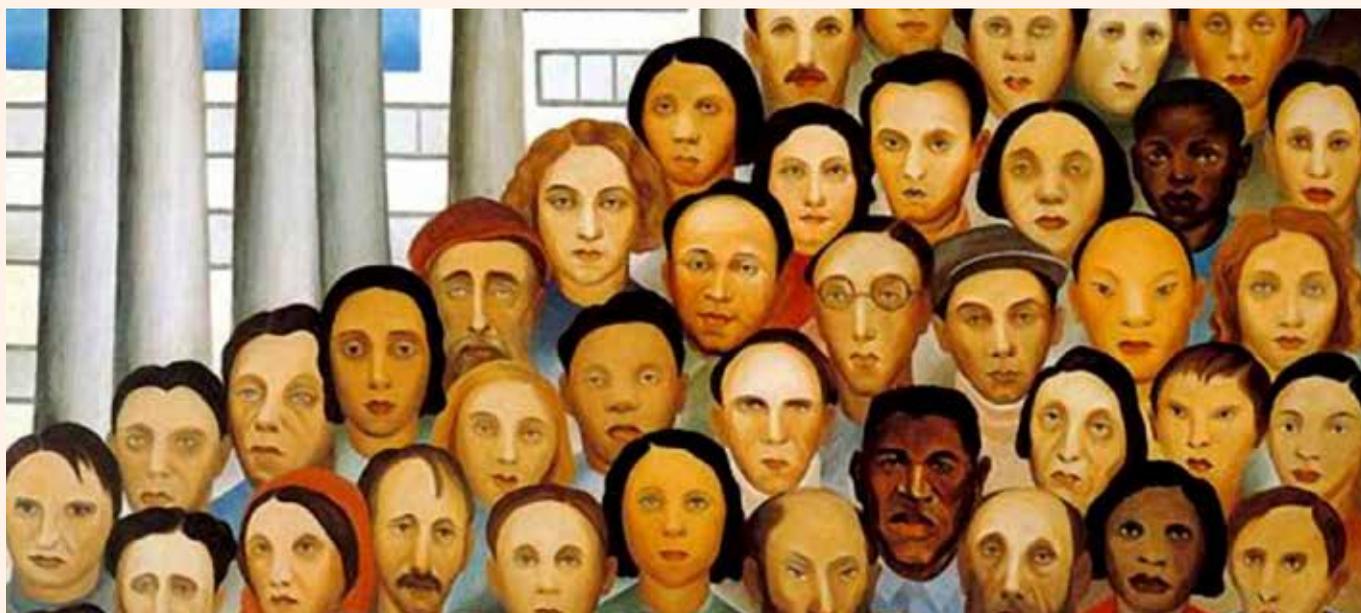
CUIDADOS QUE O PRODUTOR DEVE TER

O camarão deve ser colocado no tanque com 15 a 20 dias de antecedência à tilápia.

A pós-larva do camarão (formas jovens) deve receber um complemento alimentar nos primeiros 30 dias.

O produtor deve acompanhar e manter as tilápias bem alimentadas para que não haja ataques sobre aos camarões.

No momento da despesca o produtor precisa abater o camarão no gelo para garantir a qualidade do produto.



A opinião do presidente da Fetaep

Unicidade Sindical

É um absurdo o que o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e o Tribunal Superior do Trabalho (TST) vêm tentando fazer contra o atual sistema sindical brasileiro ao se manifestarem contra esse sistema que sempre foi e será o melhor instrumento de defesa dos trabalhadores, principalmente dos rurais. No meio rural, não concordamos com a atual discussão e vamos sempre nos manter fiéis aos nossos princípios e, mais ainda, às decisões da base que, em sua maioria absoluta, é favorável à unicidade.

O valor oriundo da contribuição sindical no meio rural não basta para suprir as necessidades do Movimento, visto que o empregado registrado recolhe uma diária por ano, porém a maioria não recebe o que lhe é justo, apesar de todo o esforço e ações feitas nas negociações coletivas, entre outras. Além disso, é preciso lembrar que muitos estão na informalidade



e nem chegam a recolher. No entanto, mesmo que insuficiente, o valor arrecadado é importante para ajudar a suprir as despesas das ações e serviços prestados à categoria.

Vale destacar que ambas as entidades, MTE e TST, ao intentarem contra o sindicalismo, estão contrariando a Constituição de 1988, que prevê a liberdade e a autonomia sindical. A luta não deve ser

enfraquecida e por isso seguiremos defendendo a unicidade sindical com democracia e liberdade. São os trabalhadores que devem decidir sobre o modelo sindical a ser seguido, sem a interferência do poder público.

Diante disso, o Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais segue sua luta não apenas em defesa de um sindicalismo unido, mas também em prol da manutenção e aprimoramento dos benefícios e das políticas públicas já conquistadas e ainda a conquistar aos agricultores familiares e assalariados rurais. E não são poucas: Previdência Social, Pronaf, Programa de Aquisição de Alimentos, Habitação Rural, Programa Nacional de Alimentação Escolar, Crédito Fundiário, Convenções e Acordos Coletivos de Trabalho, entre outras.

Ademir Mueller,
presidente da Fetaep



FAEP pede medidas emergenciais à suinocultura

O presidente da FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou documento aos ministérios da Agricultura (Mapa), Fazenda, Planejamento, Casa Civil e à bancada federal do Paraná, em Brasília, alertando sobre a grave crise que afeta a suinocultura paranaense*.

Desde o início do ano os suinocultores passam por uma difícil crise financeira que vem se agravando devido a deterioração da rentabilidade, resultando em preços médios recebidos pelos produtores abaixo do custo de produção.

Segundo a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab) o preço médio recebido pelo produtor de janeiro a maio foi de R\$ 1,79 por quilo, enquanto o custo médio operacional medido pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) foi de R\$ 2,23 por quilo. Assim, os preços médios ficaram 20% inferiores ao custo operacional de produção.

O aumento no custo da alimentação animal, que responde por mais que 70% do custo de produção, foi um dos fatores que aumentou a diferença entre o custo e o preço neste primeiro semestre. Os pre-

Preços médios recebidos pelo produtor são 20% inferiores ao custo da produção

ços mais altos da alimentação foram consequência da severa estiagem que atingiu as culturas de verão acarretando aumentos nos preços dos grãos.

A mão de obra também, importante componente do custo, se tornou mais cara desde maio com o reajuste do piso regional em 10,32% aumentando o custo do produtor. Atualmente o piso regional do Paraná é 26% superior ao salário mínimo nacional.

“A situação financeira destes produtores piora a cada dia com as reduções diárias de preço, ao mesmo tempo em que tem início o vencimento das parcelas de custeio e investimento necessárias para o financiamento da atividade”, relata o documento assinado por Meneguette. Diante deste quadro, a presidência da FAEP solicitou urgentemente as seguintes medidas de apoio à suinocultura:

- Prorrogação das parcelas de 2012 das operações de custeio e investimento;
- Liberação de Linha Especial de Crédito (LEC) para os produtores, vigente até junho de 2013 com reajuste do preço de referência que atualmente é de R\$ 1,74 para R\$ 2,23 que é o valor do custo operacional de produção;
- Liberação de crédito para retenção de matrizes a taxa de juros de 5,5% ao ano;
- Linha de crédito destinada aos suinocultores para compra de milho a taxa de juros de 5,5% ao ano;
- Criação de preço mínimo de referência na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) compatível com o custo de produção;

* O documento foi encaminhado ainda ao secretário de Política Agrícola do Mapa, Caio Tibério Dornelles da Rocha; José Carlos Vaz, secretário Executivo do Mapa e ao presidente da CAPDR, deputado Raimundo Gomes Matos (PSDB-CE).



As aves fazem xixi?

Aves não fazem xixi porque não têm bexiga para armazenar a urina. Os líquidos vão para o intestino, onde são absorvidos, depois passam para o sangue e chegam aos rins, onde são purificados. As impurezas são eliminadas pelas fezes.



Tamanho dos pés

Os números do sapato começaram em 1305, quando o rei Eduardo I, da Inglaterra, decretou que se considerasse como uma polegada a medida de três grãos secos de cevada alinhados. Os sapateiros ingleses se entusiasmaram com a ideia e passaram a fabricar, pela primeira vez na Europa, sapatos em tamanho-padrão, baseando-se nos grãos de cevada. Um calçado que medisse, por exemplo, 37 grãos de cevada era conhecido como tamanho 37.



Sem cecê

A busca de uma solução para os odores gerados pela transpiração não é recente. Os romanos já usavam pequenas almofadas aromatizadas nas axilas para tentar controlar o mau cheiro. Mas até a Segunda Guerra Mundial, os primeiros desodorantes eram bastante caros e a maioria da população não tinha acesso aos mesmos. Já após o conflito, os preços despencaram. Foi assim que o desodorante se tornou um componente indispensável para a higiene pessoal das pessoas.



Golaço

O primeiro gol feito em uma cobrança de escanteio foi marcado por Cesáreo Onzari, da seleção da Argentina, durante um amistoso contra o Uruguai, em 1924. Naquele ano, os uruguaios haviam sido campeões olímpicos de futebol. É por isso que o golaço do pontapé-esquerda acabou sendo batizado de olímpico.

Sinfônica e Filarmônica

Todas as orquestras filarmônicas são sinfônicas. Filarmônica, palavra de origem grega, significa “amante da música” e é usada para orquestras financiadas por sociedades privadas. As orquestras caracterizam-se pela grande quantidade de instrumentos, divididos em 4 blocos: os de corda com cerca de 60; de madeira (como a flauta), com 15; de metal (trompete), com 12; e de 10 instrumentos de percussão (tambores).

Melhorou muito

Nossos parentes da Idade da Pedra utilizavam conchas polidas para cortar a barba. Depois entre as ferramentas de bronze e cobre surgiu a navalha, objeto que egípcios, mesopotâmios, chineses e romanos usavam junto com a “espuma”: óleo de baleia, banha ou qualquer outra coisa gordurosa. A coisa só deu uma melhorada em 1888, quando os irmãos americanos Kampfe desenvolveram a famosa navalha em “T”, a qual possuía um novo mecanismo capaz de proteger a pele ao longo da borda da navalha.



Mesma família

Jumento, asno e jegue são sinônimos para o mesmo animal (*Equus asinus*). Jegue é uma adaptação de Jack, uma das palavras para “asno” em inglês. Na 2ª Guerra Mundial, os oficiais das bases americanas montadas no Nordeste chamavam os bichos por esse nome e os nordestinos “aportuguesaram” como jegue”. O burro e sua fêmea, a mula, são animais híbridos, ou seja, resultantes do cruzamento entre animais com número de cromossomos diferentes, o jumento e a égua, por isso, estéreis.

Repita sem tropeçar

“Donaudampfschiffahrtsgesellschaftskapitän für Schlüsselanhänger.”

Traduzindo do alemão: “chaveiro da chave da porta da cabine do capitão da Companhia de Navegação a Vapor do Danúbio”. A maior palavra do mundo, dizem.



Ordem e Progresso

A bandeira do Brasil tem 27 estrelas. Elas correspondem ao número total de Estados brasileiros e também o Distrito Federal. O desenho celeste estampado representa o céu do Rio de Janeiro, às 20 horas e 30 minutos, no dia 15 de novembro de 1889, data da Proclamação da República. A estrela acima da faixa branca representa o Estado do Pará. O nome dela é Spica, a estrela alfa, a mais brilhante da constelação de Virgem.



Bituruna



Erva-mate

O Sindicato Rural de Bituruna realizou três cursos nas comunidades rurais de Augusto Loureiro e Fazenda Geier, em Bituruna, no período de 16 a 20 de abril. Os cursos foram de Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais – erva-mate - adubação, tratos culturais e podas, e produção de Erva-Mate. No total participaram 43 produtores e trabalhadores rurais. De acordo com o instrutor Luiz Carniel, a cultura da Erva-Mate constitui uma importante cadeia produtiva na região e representa trabalho e renda para muitas pessoas da agricultura e das indústrias ervateiras. “A intenção dos produtores é revitalizar a atividade saindo do extrativismo e tecnificando a cultura”, diz.

Terra Boa



Panificação

Em parceria com a Prefeitura, o Sindicato Rural de Terra Boa realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos - panificação nos dias 14 e 15 de maio, com a instrutora Renata Andrade Sá. O curso foi realizado na sede do Centro de Convivência Familiar e teve a participação de 14 produtoras e trabalhadoras rurais.

São João do Triunfo



Mulher Atual

O Sindicato Rural de São João do Triunfo concluiu a primeira turma do Programa Mulher Atual no município. A instrutora do grupo foi Caren Kelli Jenczmionki e o curso aconteceu no período de 14 de março a 23 de maio.

Astorga



VII Festa Bola na Rede

Solidariedade, esporte e diversão, marcaram a 7ª edição da Festa Bola na Rede, que aconteceu em 21 de abril, na sede da AABB, em Astorga. O evento reuniu cerca de 3700 pessoas e foi uma promoção da Rede de Combate ao Câncer/Regional Astorga e Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), com apoio do Sindicato Rural de Astorga e parceiros. O objetivo foi angariar fundos para a Rede de Combate ao Câncer, que presta assistência a pessoas portadoras da doença. Os visitantes participaram de atividades desportivas e recreativas como o torneio de futebol suíço, truco e show de prêmios. A festa também teve a parte gastronômica com churrasco, salgados, doces e bebidas.

São João



Posse

O Sindicato Rural de São João realizou no dia 18 de maio, a solenidade de posse da diretoria eleita em 13 de abril de 2012. O evento aconteceu no Auditório Sicredi Iguazu PR/SC. Contou com a presença de várias autoridades e associados. O diretor secretário da FAEP, Livaldo Gemin, leu juntamente com os diretores o termo de compromisso que foi assinado pelos eleitos. “Reafirmo nosso compromisso de lutar pela classe e defender os interesses sociais e econômicos dos produtores rurais”, declarou o presidente reeleito Arceny Bocalon.

Candói



Tratorista

O Sindicato Rural de Guarapuava ofereceu o Curso de Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (Tratorista Agrícola) no município de Candói. O curso que tem como objetivo aperfeiçoar e treinar trabalhadores rurais na operação de Implementos Plantadeira e Semeadeira. O curso aconteceu na Agropecuária Santa Clara com o instrutor Pedro Felipe Kastel. Ao todo, participaram 12 produtores e trabalhadores rurais.

Castro



JAA

Os adolescentes que participam do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), em Socavão, distrito de Castro visitaram no dia 23 de maio uma propriedade de bubalinocultura de leite (leite de búfala). Na propriedade dos pais de uma alunas, os jovens participaram de atividades práticas sobre o manejo. De acordo com a instrutora Ana Paula A. Contente, os alunos tiveram a oportunidade de comparar o que já tinham aprendido sobre bovinocultura de leite com a produção de leite de búfalas. A turma conheceu três raças de búfalas (murrha, jafarabadi e mediterrâneo), as instalações e as diferenças no manejo das búfalas de leite com a bovinocultura leiteira.

Cafelândia



PDS

O Sindicato Rural de Cafelândia organizou mais uma turma para o Programa de Desenvolvimento Sindical (PDS) com a participação de diretores, agricultores e da comunidade. O curso é ministrado pela instrutora Luciane Lousano Pimentel. O curso começou dia 23 de maio buscando fortalecer a representação dos produtores rurais nas discussões importantes para o desenvolvimento regional.



CURSOS SENAR-PR

Pinhalão



Mulher Atual

No dia 27 de março a Regional de Santo Antônio da Platina do SENAR-PR iniciou uma turma do Programa Mulher Atual no Distrito de Lavrinha, no município de Pinhalão, com a instrutora Adriane Castanho de Lima. O grupo formou a Associação de Mulheres Empreendedoras da Lavrinha (AMEL), que tem como meta de trabalho melhorar a qualidade de vida da população da comunidade. Elas já se reuniram com o prefeito e solicitaram uma Academia da Melhor Idade (academia ao ar livre).

Pitanga



Parceiros

Com o objetivo de aproximar e fortalecer a parceria entre o Sindicato Rural e a Regional do SENAR-PR com os municípios de: Pitanga, Boa Ventura de São Roque, Santa Maria do Oeste, Nova Tebas e Mato Rico a diretoria reuniu prefeitos e secretários municipais no dia 24 de maio. O presidente do sindicato Luiz Carlos Zampier falou da importância dos cursos do SENAR-PR para as pessoas que trabalham no meio rural. Também foi apresentado um balanço dos cursos realizados de 2009 a 2012.

Ribeirão do Pinhal



Conservas, Aplicação de Agrotóxicos e Negócio Certo

Entre os vários cursos promovidos pelo Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal destacou-se três: Produção Artesanal de Alimentos - Conservação de Frutas e Hortaliças - Conservas, Molhos e Tempêros que foi realizado nos dias 14 e 15 de maio. O grupo com 13 participantes teve como instrutora Maria Luzinete Pina. Nos dias 21, 22 e 23 de maio foi a vez do Curso Aplicação de Agrotóxicos Costal Manual e Tratorizado de barras - NR 31 para 12 participantes com o instrutor Vidal Ferreira de Campos. E no dia 16 de junho começou o curso Negócio Certo Rural com 18 participantes entre empreendedoras e empreendedores rurais, com a instrutora Raquel Nader Resende Fraiz.

Cascavel



DC

Numa parceria entre o Sindicato Rural Patronal de Cascavel e a Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec) acaba de ser formada a turma do curso "Desenvolvimento Comportamental", com 128 horas de carga horária. A capacitação reuniu produtores rurais, encarregados e líderes comunitários e foi ministrado pela instrutora Maria Aparecida de Souza Rabaioli.

PDS – O exemplo de Mariluz

Mariluz, no noroeste do Estado, vive um novo momento com o Sindicato Rural. Após o fortalecimento da imagem do produtor rural junto à população, o sindicato passa por um realinhamento de suas atividades desde que Mar Sakashita assumiu a presidência do sindicato e aderiu ao Programa de Desenvolvimento Sindical (PDS) oferecido pela FAEP. Para esta transformação ele utilizou uma ferramenta administrativa – o Planejamento Estratégico. Ao final do primeiro mandato as metas foram ultrapassadas. Atualmente o sindicato registra um aumento de 70% no número de associados (de 33 para 56) e compartilha com os produtores o reconhecimento institucional. “Participamos da vida do município, contribuimos com questões na área de segurança, plano diretor enfim somos ouvidos pela população. Isso para os produtores é muito importante, já que a agricultura é a grande alavanca da economia local”, afirma o presidente Sakashita.

Formigas cortadeiras

O Conselho de Sanidade Agropecuário (CSA) de Mariluz, com apoio do Sindicato Rural Patronal em parceria com Secretaria Municipal de Agricultura, Emater e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, realizou em 15 de junho, palestra sobre Formigas Cortadeiras. O evento ocorreu na sede do Sindicato Rural de Mariluz, com a participação de aproximadamente 50 produtores rurais, mais a presença do vice-prefeito Luiz Albino Borghetti, presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Sr. Humbertino Zeferino da Silva, Secretário Municipal da Agricultura, Marcelo Santana, presidente do CSA, Edson Luiz Nogueira da Silva e presidente do Sindicato Rural, Mar Sakashita.

Mulher Atual: “Zona Rural Não é Lixão”

Está se tornando rotina o depósito de lixo doméstico e empresarial em estradas e carreadores do interior dos municípios, poluindo o ambiente e muitas vezes sendo levados pelas chuvas a cursos d’água. Em Ibioporã os “sujeitos” levaram azar, porque depositaram o lixo na propriedade de Augusta dos Santos Caus, uma entre as 64 participantes o curso Mulher Atual, do SENAR-PR, que identificou os autores (de Londrina). Na conclusão do curso, numa ação social, ela e as companheiras resolveram atacar o problema. Com apoio da Prefeitura através de suas áreas de Meio Ambiente, Agricultura e Educação e a orientação da instrutora Devanilde Alves Arias, do SENAR-PR, lançaram a campanha “Zona rural não é lixão”. Além de conscientizar a população, a campanha apresentou um projeto de coleta seletiva na zona rural. Um modelo para outros municípios.

Errata

São Jorge do Ivaí

No BI 1179 divulgamos a posse da diretoria reeleita no Sindicato Rural de São Jorge do Ivaí. O nome correto do presidente é José Pereira Damazio Filho e não Antônio como foi publicado.



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso

Diretores Secretários

Livaldo Germin e Lisiane Rocha Czech

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti

Conselho Fiscal

Sebastião Olímpio Santaroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olímpio Santaroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi



Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Editor:

Hélio Teixeira

Redação:

Angelo Binder, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação, Ilustração e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Simple e muito bem explicado...

Um professor de economia na universidade Texas Tech disse que nunca reprovou um só aluno antes, mas tinha, uma vez, reprovado uma classe inteira. Esta classe tinha insistido que o socialismo realmente funcionava: ninguém seria pobre e ninguém seria rico, tudo seria igualitário e justo.

O professor então disse:

– Ok, vamos fazer um experimento socialista nesta classe. Ao invés de dinheiro, usaremos suas notas nas provas. Todas as notas seriam concedidas com base na média da classe, e portanto, seriam justas.

Todos receberiam as mesmas notas, o que significou que ninguém seria reprovado.

Isso também quis dizer, claro, que ninguém receberia um “A”...

Nas primeiras provas todos receberam “B”. Quem estudou com dedicação ficou indignado, mas os alunos que não se esforçaram ficaram muito felizes com o resultado.

Para a segunda prova os preguiçosos estudaram ainda menos – esperavam tirar notas boas de qualquer forma. Quem havia estudado bastante no início resolveu também aproveitar o trem da alegria das notas. Portanto, agindo contra suas tendências, eles copiaram os hábitos dos preguiçosos. Como um resultado, a segunda média das provas foi “D”. Ninguém gostou.

Na terceira prova a média geral foi um “F”. As notas não voltaram a patamares mais altos, mas as desavenças entre os alunos, buscas por culpados e palavrões surgiram. A busca por justiça dos alunos tinha sido a principal causa das reclamações, inimizades e senso de injustiça que passaram a fazer parte daquela turma. No final das contas, ninguém queria mais estudar para beneficiar o resto da sala. Portanto, todos os alunos repetiram o ano... Para total surpresa!!!

O professor explicou que o experimento socialista tinha falhado porque foi baseado no menor

esforço possível da parte de seus participantes. Preguiça e mágoas foi seu resultado.

“Quando a recompensa é grande”, ele disse, “o esforço pelo sucesso é grande, pelo menos para alguns de nós. Mas quando o governo elimina todas as recompensas ao tirar coisas dos outros sem seu consentimento para dar a outros que não batalharam por elas, então o fracasso é inevitável.”

“É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela prosperidade. Para cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve trabalhar sem receber. O governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém.

Quando metade da população entende a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então chegamos ao começo do fim de uma nação. É impossível multiplicar riqueza dividindo-a.”

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável